

A Construção de Saberes na Formação de Assentados Extensionistas – Elementos Iniciais ao Agroecólogo com Atuação Comunitária

VAZ PUPO, Marcelo. Unicamp, marcelo@itcp.unicamp.br; CARDOSO, Mário. mariobiologo@gmail.com; FRAILE, Ofélia. Unicamp, ofelinha@gmail.com

Resumo

O Curso Médio Integrado ao Técnico em Agroecologia é realizado a partir de uma parceria entre a Universidade Estadual de Campinas, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Centro Paula Souza. O Trabalho de Conclusão de Curso é elemento chave e determina a relação construída na disciplina de “Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Projeto”. Incentivamos uma perspectiva crítica ao processo investigativo, necessária para se propor ações no meio rural. Existem três turmas deste curso em São Paulo: Ribeirão Preto, Itapeva e Presidente Prudente. A organicidade do MST utilizada pelos educandos é matéria prima para trabalhar a autonomia necessária à transformação agroecológica. Incentivamos o debate do envolvimento comunitário nas propostas de desenvolvimento rural, acreditando que agricultores organizados têm maior capacidade de pautar soluções mais apropriadas e adequadas à realidade local. Diversos instrumentos de trabalho foram elaborados para construir uma formação que exponha o educando em situações de organização local e comunitária.

Palavras-chave: Pedagogia em agroecologia, Educação popular, Metodologia de pesquisa.

Contexto

O relato que é aqui apresentado tenta, mesmo que sucintamente, compartilhar a riqueza da experiência pedagógica proporcionada pelo Curso Médio Integrado ao Técnico em Agroecologia durante as aulas da disciplina “Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Projeto”. Integrante do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o curso é realizado a partir de uma parceria que envolve a Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Centro Paula Souza e o Colégio Técnico da Unicamp (COTUCA). A proposta do curso é formar 150 técnicos em agroecologia que sejam assentados ou filhos de assentados pelo programa de Reforma Agrária, promovendo a democratização do conhecimento no campo e fortalecendo o desenvolvimento das áreas onde estão localizados os assentamentos rurais do estado.

A gestão do curso parte do princípio da participação dos atores envolvidos, "cujas responsabilidades são assumidas por todos(as) em uma construção coletiva na elaboração dos projetos, no acompanhamento e na avaliação", respeitando desta forma a diretriz do Manual de Operações do PRONERA, publicação do órgão de abril de 2004. Esta característica gestacional do curso de agroecologia é ressaltada na descrição da experiência que se segue, pois que é característica encontrada dentro da sala de aula, e por isso expande e aprofunda a relação educador-educando.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção do diploma, é o elemento chave e determinante da relação de ensino e aprendizagem construída nas disciplinas “Ação Social Coletiva” e “Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Projeto” I e II. Foram estes os componentes curriculares que abrigaram a responsabilidade de promover, junto aos adolescentes do campo, uma reflexão sobre nossos olhares acerca da realidade vivida nos assentamentos do estado de São Paulo. Incentivamos continuamente uma perspectiva crítica ao processo investigativo, pois acreditamos ser ela o que o técnico que se referencia na agroecologia carece ao propor ações e intervenções no meio rural.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Buscamos, ao longo do que foi até agora três semestres de trabalho, sensibilizar os educandos para os processos que caracterizam a pesquisa científica e a elaboração de projeto que hoje mais comumente acompanham o dia-a-dia das instituições públicas de ensino e pesquisa. Atentamos ao fato, e isso por si já nos apresenta estimulante desafio, de que a agroecologia, encarada como disciplina acadêmica, pertence ao conjunto de teorias que reforçam a necessidade de construirmos outros paradigmas científicos. Assim acontece pois ela carrega em sua origem a validação dos saberes tradicionais, formulados a partir da co-evolução dos povos culturalmente diversos com seus espaços naturais, como também abraça elementos da ecologia e da visão sistêmica que superam o modo cartesiano de entender e investigar o mundo.

A ausência de bibliografia específica na área de educação para trabalhar toda a complexidade da realidade vivida pelos educandos provoca em nós educadores a contínua revisão, reconstrução e adaptação da metodologia clássica de pesquisa e elaboração de projeto. O despertar do novo extensionista rural descrito na nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) almejado por estes educadores, transpassa o campo pessoal de todos nós envolvidos na relação de ensino e aprendizagem. A interação em sala de aula estimula que o lado “sensível” e os “desejos” de cada um de nós venham à tona nos colocando numa qualidade de relação onde exista recorrência de qualidades humanas essenciais ao “técnico agroecólogo”. Deixar crescer e amadurecer tais qualidades nos impulsiona para ações que esculpam o caminho rumo à transformação de nossa realidade sócio-ambiental, e promovam no espaço formal de ensino o que Paulo Freire exprime ao dizer que “só ensina quem tem algo para aprender, e só aprende quem tem o que ensinar”.

Descrição da Experiência

O Curso Médio Integrado ao Técnico em Agroecologia, de acordo com o debate de educação do campo, divide seu semestre letivo em dois momentos, sendo eles o Tempo Escola e o Tempo Comunidade (pedagogia da alternância). Por dois meses, aproximadamente, os educandos permanecem nas escolas até o cumprimento da carga horária em sala de aula, quando vão para seus assentamentos desenvolver o conteúdo do curso junto à comunidade.

Atualmente o estado de São Paulo conta com três turmas deste curso, cada uma delas iniciaram o trabalho com 50 educandos. Em duas delas o curso acontece em escolas do MST, nas regionais de Ribeirão Preto e Itapeva - região nordeste e sul do estado, respectivamente. Em Presidente Prudente, região oeste, a turma de agroecologia utiliza as dependências de um colégio agrícola do Centro Paula Souza durante o Tempo Escola. Os cursos de Itapeva e Presidente Prudente foram iniciados no segundo semestre de 2007, enquanto que o curso de Ribeirão iniciou suas atividades em janeiro de 2008. O curso foi elaborado para conter três anos de duração, sendo que cada ano apresenta duas etapas e cada etapa dois tempos (escola e comunidade).

Com exceção do primeiro semestre letivo, todos os outros semestres contêm uma disciplina específica para trabalhar o TCC dos educandos. No entanto, lembramos aqui que foi na primeira etapa que a proposta de utilizar o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) foi introduzida aos estudantes, e colocado em prática durante o primeiro Tempo Comunidade. Os dados e materiais colhidos a partir do DRP representaram o marco zero para se trabalhar os elementos metodológicos do TCC. O olhar diferenciado que o DRP proporcionou ao educando qualificou sua percepção acerca de questões sociais, topográficas, ambientais, políticas, produtivas e culturais que constituem os assentamentos.

O DRP em si já é parte de uma transformação na maneira pela qual o técnico se posiciona em seu ambiente de atuação, ressaltando-se aqui a relação que estabelece com outros agricultores e

Resumos do VI CBA e II CLAA

agricultoras. A importância política de formar sujeitos internos para o trabalho de assistência técnica e extensão rural já é bem clara neste momento, já que o educando que vive a realidade do assentamento como morador, certamente tem mais propriedade pra dizer a respeito de seu sistema produtivo do que um técnico “exógeno”. O estímulo à participação de mais pessoas da comunidade durante o diagnóstico é também elemento pedagógico desta metodologia, que busca enriquecê-lo com pontos de vista diversos e envolvendo a comunidade num momento primordial do TCC.

Consideramos que para a iniciarmos o conteúdo da disciplina de metodologia, seria fundamental cristalizar o conceito de transição agroecológica, já que ele contribui bastante para os futuros projetos de atuação nos assentamentos. Desenvolvemos também o debate a respeito da importância do envolvimento comunitário nas propostas de desenvolvimento rural, pois ele é capaz de fazer com que o assentamento organizado compartilhe das responsabilidades do projeto, acreditando que agricultores organizados têm maior capacidade de pautar soluções mais apropriadas e adequadas à realidade local. Neste sentido, percebemos que é a metodologia da ação-reflexão-ação a que melhor cabe a este propósito, e diversos instrumentos de trabalho foram elaborados no sentido de fazermos do TCC um projeto não apenas teórico ou reflexivo, mas uma atividade de formação que exponha o educando em situações de organização local e comunitária.

Apesar do desafio que se desenhava à nossa frente, tínhamos ao nosso alcance “recursos locais” de alta qualidade. A organicidade característica de um movimento social de vulto como o MST e que alcança todos os espaços de organização do curso, principalmente no tempo escola, foi matéria prima para nós educadores inculcarmos a importância da auto organização dos assentados em qualquer processo de transformação agroecológica do sistema produtivo. A divisão da turma em núcleos de base, as comissões diárias para o bom andamento das aulas, a coresponsabilidade latente para com sua própria aprendizagem, à tudo isso chamamos atenção e utilizamos como exemplos reais, práticos e compreensíveis na transposição para a formação de técnicos que terão como missão semear exatamente estes elementos, em qualquer área de trabalho dos TCC's, para que germinem com desenvoltura e façam de seus ideais atitudes concretas espalhadas pelos assentamentos.

Resultados

O amadurecimento do trabalho com metodologia de pesquisa junto aos educandos fez-nos vislumbrar que além de construirmos com os educandos a necessidade de organizar as idéias de atuação na comunidade em forma de projeto, tínhamos um desafio a frente que fazia referência ao processo de planejamento, execução e avaliação das ações projetadas. Como estimular os educandos a registrarem continuamente todos os processos envolvidos com a construção do TCC?

A confecção do “Caderno de TCC” junto às coordenações pedagógicas das escolas, tem sido a solução para esta questão. Diversas ferramentas estão sendo criadas para dar conta da demanda que um técnico extensionista tem ao atuar em assentamentos rurais. Acreditamos que mais vale o caminhar e todas as dúvidas e questões que surgirão neste processo, o que nos é mais precioso para a formação dos educandos, do que o documento final em si. Este será o reflexo do acúmulo de experiências e um processo reflexivo sobre os registros feitos, uma consequência do trabalho realizado no cotidiano da comunidade, e que por isso será diverso, rico e expressará as múltiplas feições que aprendemos a valorizar durante o trabalho de sala de aula.

Queremos chamar a atenção sobre a importância da cooperação entre movimentos sociais e instituições públicas de ensino. Pensamos que este elemento é fundamental para entender e

Resumos do VI CBA e II CLAA

construir o processo formativo no qual participamos e que nos desafia constantemente, tanto a educandos como a educadores.

Nossas fontes pedagógicas são diversas, apesar de termos adquirido e abraçado os princípios pedagógicos da educação popular em nossa prática educativa e em nossos diversos itinerários formativos não podemos esquecer que temos sido educados num sistema formal, numa inércia de ensino institucional uniformizador, que não atende à diversidade e aos conhecimentos prévios dos alunos, não valida os saberes populares, que nos obriga a estudar uma grade curricular descontextualizada da realidade sócio-ambiental concreta das pessoas e que transmite uma visão do conhecimento como uma verdade neutra e não questionável. Esta herança não é exclusiva de nós educadores, os educandos de hoje trazem também esta realidade na sala de aula dentro da mochila, pois infelizmente as coisas não tem mudado tanto na escola nos últimos 20 anos.

Surge, portanto, a chance de fazermos deste trabalho uma oportunidade de desmontar esta via de ensino que domestica através da educação formal. Desejamos assim, que todos estes garotos e garotas materializem seus sonhos não só em forma de Trabalho de Conclusão de Curso, mas em práticas e ações diárias que, quiçá, sejam perpetuadas por toda suas vidas.